

Agricultor, um dia no esquecimento

Aldori Silva

Sem qualquer comemoração ou lembrança. Assim passaram os agricultores do Distrito Federal, ontem, Dia do Agricultor. Aguardando suas mudinhas, colhendo seu cultivo, formando canteiros de hortaliças, os produtores contaram histórias cheias de dificuldades e pouco reconhecimento da população e do Governo. Para eles, o incentivo à produção é a única garantia que possuem de emprego, sobrevivência e, principalmente, chance de não serem expulsos do campo para os grandes centros urbanos.

Maria Aparecida Passos e seu marido, José Moreira, vivem há mais de 20 anos do campo. Nele, o casal tirou o sustento da família, criando três filhas, que por falta de trabalho na agricultura, hoje se submetem a baixos salários em grandes empresas e serviço público. José é credenciado na Ceasa, tem carteira da Emater como agricultor, mas até hoje, segundo eles, a Fundação Zoobotânica não concedeu um terreno para a produção própria.

Ao contrário disso, eles acusam a FZDF de «beneficiar» pessoas «especiais», que não entendem de agricultura e que até «possuem mais de uma chácara». Por essa razão, Maria Aparecida se diz «magoada» com o Governo. Depois de trabalhar 22 anos, sem qualquer registro em carteira, sem direito a aposentadoria ou assistência médica gratuita, Maria também não tem um espaço seu para plantar. Graças a José Acrísio Barboza, um produtor rural à beira da Estrada-Parque de Taguatinga, (EPTG), o casal tem onde trabalhar e produzir num «cantinho de terra».

«Produzimos alimento, mato a fome das pessoas, sei plantar como ninguém, e o que fazem com a gente? Esquecem dos agricultores, dando terra a quem não planta». Essa é a mágoa maior de Maria Aparecida, que ainda sonha com uma pequena chácara para poder cultivar e comercializar alimentos hortigranjeiros.

Otimismo

Próximo à plantação de Acrísio estão os três hectares de Oliveira



Oliveira vende seus hortigranjeiros até para restaurantes

Fernandes. Ele mora há 28 anos no terreno, que hoje está à beira da EPTG, e que, depois de 25 anos de cultivo, recebeu definitivamente da Fundação Zoobotânica. O melhor período para plantio, segundo ele, é o da seca, devido ao terreno irrigado e baixo.

Todos os produtos cultivados por Oliveira são comercializados à beira da estrada, ou então vendidos a lanchonetes e restaurantes quando o cliente pode buscar o produto. Muitas vezes os distribuidores compram os alimentos de Oliveira, e revendem aos varejistas, o que diminui bastante a margem de comercialização (lucro) do produtor. Mesmo assim, ele e sua

família vivem do que plantam. Feira, para eles, «nem pensar»: a família consome o que planta.

Depois do sonho do seu próprio terreno realizado, o agricultor agora deseja ter seu carro, para transportar os alimentos e poder comercializá-los diretamente com o consumidor. Em sua chácara, se produz mandioca, cenoura, beterraba, agrião, limão, laranja, milho, cana e outros alimentos. A produção é boa, tanto que Oliveira já contratou dois funcionários para o trabalho no plantio, reforçando a mão-de-obra familiar. Mas, quanto consegue arrecadar mensalmente com a agricultura, Oliveira jamais conseguiu calcular.